

Ruy Belo

BOCA BILINGUE

prefácio de
Gastão Cruz

ASSÍRIO & ALVIM

BOCA BILINGUE:
UM REGRESSO À ESPLANADA
DO CAMPO PEQUENO

A obra poética de Ruy Belo inicia-se com dois livros poderosos, *Aquele Grande Rio Eufrates* e *O Problema da Habitação — Alguns Aspectos*, publicados, respectivamente, em 1961 e 1962, quando o autor tinha quase trinta anos, o que já lhe permitira atingir uma segurança e uma maturidade estilísticas consideráveis.

Em 1966 surge *Boca Bilingue*, que, sem deixar de integrar-se numa linha de continuidade relativamente aos dois volumes anteriores, não nos sendo, portanto, legítimo, a seu respeito, falar de qualquer ruptura, com não menor evidência apresenta uma significativa inflexão estilística, que talvez, no entanto, nos permita assinalar uma nova fase no curso da poesia de Ruy Belo.

Quatro anos de intervalo deram ao poeta a possibilidade de acentuar uma sobriedade, um despojamento da escrita, de que ele, notoriamente, sentia falta.

Privilegia-se agora a organização unitária de cada poema, sem que os mais longos atinjam a torrencialidade que caracterizava a maior parte dos que constituíam *O Problema da Habitação — Alguns Aspectos*.

Trata-se, evidentemente, de observar características, e não de retirar dessa observação consequências valorativas. A poesia de Ruy Belo, mesmo na última fase, oscilou, muitas vezes, independentemente da extensão do texto, entre poemas transparentemente estruturados, de construção clara, como «Muriel», e outros, nitidamente transgressores de qualquer regra estruturante.

Boca Bilingue culmina, na poesia de Ruy Belo, um percurso de consolidação da consciência artesanal e estrutural do texto, que,

longe de se ficar pelos pressupostos técnicos da escrita, demonstra a indissolubilidade existente entre o apuro material da linguagem, com um enorme agenciamento de recursos expressivos, e a própria essência de uma visão original da vida e da realidade.

O que nos é apresentado em *Boca Bilingue*, quatro anos após o livro imediatamente anterior, é a formulação de uma poética que parte da primazia dada ao tratamento da linguagem, pela densificação do discurso, obtida através de uma prática poética que, no essencial, assenta nos pressupostos teóricos defendidos pelo poeta no ensaio *Poesia Nova — Tentativa de Caracterização da Poesia*, publicado, como separata da revista *Rumo*, em 1961.

Se é certo que este texto surge no próprio ano em que Ruy Belo se estreia como poeta, 1961, parece-me ser *Boca Bilingue* o livro em que, com maior evidência, se concretiza um conceito de novidade que coloca o seu autor no centro do processo de intensa renovação característico da década de 1960.

A primeira secção de *Poesia Nova* intitula-se «A novidade da poesia» e aí se apresenta o propósito de «demonstrar que a novidade pertence à própria essência da poesia».

Nesta linha, Ruy Belo constrói um discurso que privilegia o efeito de surpresa obtido por via da independência da «palavra poética» em relação à «palavra prática».

A poesia portuguesa encontrava-se, então, num momento crucial do seu percurso moderno, aquele em que ela toma plena consciência da centralidade da palavra na produção do poema.

De Carlos de Oliveira a Ruy Belo, de António Ramos Rosa a Luiza Neto Jorge, de Eugénio de Andrade a Fiamma Hasse Pais Brandão e Herberto Helder, o intensíssimo surto inovador que se faz sentir entre os anos finais da década de 1950 e os anos finais da década seguinte tem que ver com a referida consciência, amplamente teorizada por Ramos Rosa nos seus ensaios (reunidos, em 1962, em *Poesia, Liberdade Livre*) e na sua própria poesia.

PORTUGAL SACRO-PROFANO

Mercado dos Santos, em Nisa

O tempo é outro tempo nas terras pequenas
e quem de si mesmo afinal foge encontra aqui o coração em festa
As árvores são novas e no adro em rodas contra a cal e contra o frio
há gente
o sol preenche tudo e é quase tão redondo como Deus
Cada coisa tem nome e reconheço o aroma das estevas
na missa o claro coro das mulheres leva os campos à igreja
e há crianças bibes saco escola sino guizos gado
o frio fecha, o sol semeia, a luz alastra e o silêncio é fundamental
— cartaz quase municipal que me recruta e traz
do fundo de umas páginas de pó ao cúmulo das folhas amarelas
reais e rituais, folhas finas das mãos de Columbano
como tudo o que gira envolto no rodar do ano
E a terra a pedra o ar opõem sempre ao céu a mesma superfície
sobre os corpos extensos sob a erva, imersos no cansaço
E eu dia após dia dado ao esforço de alongar
a morte prometida a toda a minha cara ou dissipar
a queda num lugar desde o mais alto de mim próprio
Ah! não ter eu uma só solução para tudo, tantos gestos transbordantes
em vez de dividir os dedos pelas coisas múltiplas diversas
Uma só cara uma só rua em vez de tantos traços e travessas
uma mulher, alguém capaz de partilhar
o peso que nos ombros cada dia nos puser
Mas um homem aqui renasce e repudia a morte
que lhe amarrava os braços ao quadrante do relógio

Amigos para quê? E longe de famílias e tensões,
alheio a elementos de curriculum, esquecido
até de prazos horas carreira promissora ou simples biografia
o homem vai buscar às árvores de pé pedidas pelo sol
a única possível genealogia
Pátria paraíso pétala — que nome
existe para isto que nem mesmo é alegria
nem nascer outra vez apenas, nem matar aquela fome
que o mais certinho dia sem remédio adia?!
Aqui há coisas homens pedras oliveiras animais
reunidos na vida, recortados nítidos diversos
E apesar da indispensável confusão dos versos
aqui não é possível nunca mais
trocar coisa por coisa. Aqui o dia cai
sobre a noite que sobe. Uma voz canta,
alguém além mais longe chora
O adro a árvore a casa onde se está, onde se entra e mora
Aqui o homem é... ou era mesmo agora

ÍNDICE

Prefácio, Gastão Cruz.....	7
BOCA BILINGUE	
«Ce funeste langage».....	23
VITA BEATA	
Laboratório I.....	27
Laboratório II.....	28
Saint-Malo 63	29
Guide bleu.....	30
A beringela	31
A laranjeira	32
Portugal sacro-profano — Mercado dos Santos, em Nisa....	33
Portugal sacro-profano — A charneca e a praia.....	35
Portugal sacro-profano — Mogadouro.....	37
Portugal sacro-profano — Vila Real	38
Portugal sacro-profano — Praia do Abano (ou outra praia) ..	39
SETE COISAS VERDADEIRAS	
Em cima de meus dias.....	43
Efeitos secundários	45
Glauco e Diomedes	46

Snack-bar	47
Tironia	48
Vária literatura	49
O templo	50
TEMPO DUVIDOSO	
Morte ao meio-dia	53
Organização administrativa da maçã	55
Das coisas que competem aos poetas	56
Esta situação	57
Versos do pobre católico	58
Ácidos e óxidos	59
O TESTAMENTO DE ELVIRA SANCHES	
Relatório e contas	65
O jogador do pião	67
Variações sobre «O jogador do pião» — I	68
Variações sobre «O jogador do pião» — II	69
Variações sobre «O jogador do pião» — III	70
Variações sobre «O jogador do pião» — IV	71
Variações sobre «O jogador do pião» — V	72
Variações sobre «O jogador do pião» — VI	73
Variações sobre «O jogador do pião» — VII	74
Andamento final de poema	75
Mortis causa	77
Homem de grandes dias	78

SOLIDÃO E MORTE

Para dizer devagar	81
Turismo	82
A inteligência soterrada	83
Certas formas de nojo	85